

O LINHO E A PRODUÇÃO FAMILIAR

António Cravo

1 – Introdução

De acordo com recordações da aldeia da minha infância, adolescência e juventude; com o que ouvi contar aos anciãos da minha terra natal, durante os anos 40 e 50 do século passado; com o que li e já escrevi, permito-me conduzir todas estas informações pelo fio condutor da experiência que também observei nas tarefas que a minha avó materna, Maria Valente (1879-1970), mandava executar, ou executava ela própria, durante o ciclo do linho que, por necessidade familiar, se determinava produzir.

Este fio condutor encaminhar-nos-á pelas tarefas socio-laborais, doméstico-individuais e, finalmente, por aquelas que já são consideradas artesanais ou profissionais, desde a sementeira da linhaça até à manufacturação dos sacos, lençóis, colchas, toalhas, guardanapos e até as rendas que se faziam em Salselas que ainda chegaram à década setenta do século XX.

2 – Um Pouco de História

O linho é uma planta do género Lináceo de regiões temperadas e quentes.

O Ser Humano, desde épocas muito recuadas, que passou a usar também fibras vegetais para a manufacturação dos tecidos com diversos fins, incluindo as do linho. O linho é uma dessas plantas de pasta fibrosa, donde se têm fabricado vários tecidos e rendas, desde a Pré-História do Homem, de acordo com investigações arqueológicas que os cientistas desta área têm executado, até aos nossos dias, incluindo as que têm resultado do programa da Associação Terras Quentes aplicado no Concelho de Macedo de Cavaleiros, desde o ano 2003.

Além das informações recolhidas por aqueles cientistas, também no “Antigo Testamento encontramos referência à utilização do linho no espaço Sagrado, como forma de glorificar o Altíssimo”, como nos afirma VALENTE¹. Continuando com as suas referências religiosas, informa-nos ainda que “as próprias vestes de Cristo eram de

¹ VALENTE, Norberto Tomé, “Cultura do Linho em Carção, na década de 50”, pp. 37-45, Revista ALMOCREVE da Associação Cultural dos Almocreves de Carção, 3ª edição

linho sem costuras”. E a Igreja continuou a utilizar o linho nas toalhas do altar e noutras “peças usadas na celebração da Eucaristia”.

Também no nosso País, desde os princípios da Nacionalidade, o linho já se contava nas matérias que faziam parte das transacções dos portugueses.

Porém, foi só no reinado de D. José I (1750-1777) que se deu um grande impulso à cultura do linho e, desde então, passou a entrar com mais evidência nos costumes domésticos, através das técnicas complementares como nós as classificamos, mas, no século XIX, o algodão veio fazer-lhe grande concorrência e, com a desertificação das aldeias, a começar no último quartel do século XX, acabou quase definitivamente com a cultura do linho no Nordeste Transmontano.

No nosso Nordeste, ele era cultivado quase por todas as famílias das aldeias, quer fossem ricos ou pobres. Em Salselas, acontecia a mesma coisa e cultivavam-se dois tipos de linho: o linho galego e o linho mourisco. O linho galego, da subespécie *Crepitans*, tem flores bastante pequenas e cápsulas muito abertas, semeando-se na Primavera, em terrenos regadios ou “chão das hortas” como habitualmente se dizia.

O linho mourisco, da subespécie *Transiens*, tem flores pequenas e cápsulas deiscentes, mas menos abertas que as do linho galego. Semeava-se no Outono, ao mesmo tempo que o trigo e o centeio, nas chamadas “terras de colheita”. A porção de terreno onde se semeava o linho, tomava ainda o nome especial de linhal e, normalmente, a linhaça era enterrada por meio dos engaços ou ancinhos de forma a limpar a terra de algumas pedras soltas.

Tanto das fibras de uma qualidade como da outra, teciam-se panos para guardanapos, toalhas, lençóis, colchas, sacos e ainda, dos fios brancos, algumas mulheres também faziam rendas com muita arte.

Havia ainda outro tipo de linho chamado cânhamo (nome derivado directamente do vocábulo espanhol cañamo). Sob ponto de vista botânico é também “uma planta herbácea da família das canabidáceas amplamente cultivada em muitas partes do mundo”², mas em Salselas cultivava-se muito pouco. Só me recordo de o ver cultivado uma vez ou outra, pelo maior lavrador da aldeia, dizendo-se pela “boca do povo” que o destinava a fazer as cordas e os laços para apertar a palha, o feno e a lenha no transporte do carro de bois, e quase ninguém sabia praticar as técnicas necessárias. Por isso,

² *Dicionário Novo Aurélio Século XXI*

reportar-me-ei apenas ao linho galego e ao linho mourisco, pois ambos sofriam técnicas comuns.

3 – As Técnicas Socio-laborais

O Ciclo completo do linho é composto pelas técnicas da sementeira, curtimento, maçagem, espadelagem, assedagem, fiação, ensarilhagem, a barrela, dobragem e a tecelagem que eu reúno em três grupos principais, consoante a relação que têm com a dona de casa, pois era ela que normalmente decidia a cultura do linho e as suas etapas, de acordo com as necessidades do agregado familiar.

Por isso, chamarei técnicas socio-laborais às quatro primeiras fases, como a sementeira, curtimento, maçagem e espadelagem, em virtude da dona de casa precisar da colaboração de outras pessoas para a execução daquelas tarefas.

3.1 – A Sementeira da Linhaça

Esta fase da sementeira à volta do linho enquanto planta herbácea, começava pela escolha da terra e da estação do ano, consoante o tipo de linho que a dona de casa preferisse cultivar. A preparação da terra, seja qual for a sua preferência, pertencia às actividades próprias do homem, logo ela precisava já da ajuda do marido para preparar a terra e semear a linhaça.

Se a linhaça proviesse do linho galego, a marido fazia a sementeira na Primavera, ao mesmo tempo que semeava os legumes no “chão da horta”, de acordo com as necessidades familiares previsíveis pela mulher. Este tipo de linho tornava-se adulto, mais ou menos, ao mesmo tempo que os seus vizinhos, como os feijões, as batatas, os melões, etc. No tempo da maturação, atingia quase um metro de altura. Dependia da qualidade da terra e da sua preparação.

Se a dona de casa decidisse cultivar o linho mourisco, então o marido esperava pela época da sementeira do trigo e do centeio, durante o mês de Outubro e parte de Novembro. Normalmente ele escolhia a terra onde semeava o trigo. Então, semeava a quantidade de linhaça que a mulher havia calculado, quer ao lado, quer ao meio dos espaços que ocupava o trigo, escolhendo, por meio da experiência, as partes do terreno que julgasse serem mais próprias para o linho.

Tanto o trigo como o centeio davam-se bem com o linho, como bons vizinhos, e nasciam, cresciam e tornavam-se adultos, quase todos ao mesmo tempo e, atingiam, aproximadamente, altura igual. Normalmente, se fosse preciso mondar o trigo das ervas daninhas, também se dava uma “mondadela” ao linho, e vice-versa; e quando vinha o tempo da “sagada” destes cereais, já tinha chegado também tempo de arrancar o linho, talvez com uma diferença de meio mês.

Curiosamente, acontecia que, daqueles dois tipos de linho, um que se semeava no Outono, o outro na Primavera, acabavam por atingir a maturidade com pouco tempo de diferença.

Pensamos que a preferência de um ou de outro, residiria na qualidade de cada um, supondo que o linho mourisco era mais resistente na duração dos tecidos. De outra forma, não se compreenderia bem que um necessitasse apenas cerca de três a quatro meses para ser arrancado, e o outro, de oito meses, e que algumas camponesas dessem preferência ao linho mourisco.

Seguindo as práticas da minha avó materna, Maria Valente, uns anos pedia ao marido que semeasse o linho mourisco, outros anos o linho galego. Depois, ela encarregava-se de o arrancar pela raiz no momento em que as peneiras já estivessem amareladas, chegando ao tempo da maturação, mas com a ajuda também de uma filha ou de um filho, antes de terem casado, e, mais tarde, com a ajuda deste seu neto.

Após ter sido arrancado, no momento da sua maturação, atava-o em “gabelas” e colocava-as, a seguir, em posição vertical, na própria terra onde se criara, formando com elas pequenas moreias, em forma cónica, mantendo as cápsulas sempre a descoberto para que pudessem secar bem e depois abrirem-se mais facilmente, de forma que a linhaça pudesse saltar livremente.

Quando observava que as cápsulas, baganhas ou lóculos, já estavam abertas o suficiente, colocava as “gabelas” sobre “mantas de farrapos”, ou panais, que estendia na própria terra, perto de cada moreia e, com batedelas que lhes dava, de vez em quando, com um pequeno pau e algumas sacudidelas, virando-as e revirando-as, ia “debagando”, desta forma, as sementes das cápsulas que recolhia depois naquelas mantas.

Depois levantava as mãos cheias de linhaça e, abrindo-as, deixava-a cair de novo nas mantas e algumas cápsulas soltas, e outros resíduos, voavam pela força do vento. Guardava-a depois em recipientes próprios e ali a conservava para uma nova sementeira.

Quanto às gabelas, pedia ao marido que as levasse em carga dos burros, ou dentro do carro de duas rodas puxado pelos mesmos, consoante a quantidade, para um lugar seco junto de casa, como o cabal, ou o palheiro, até chegar o momento de as poder curtir em “pequenas lagoas” de água da Ribeira de Salselas, dando a ilusão de um lago pequeno.

3.2 – O Curtimento da Planta Seca

No momento próprio, durante o Verão, aquelas gabelas, como pequenos molhos do linho seco, da minha avó, voltavam a ser transportadas em cargas dos burros ou no mesmo carro, e de novo tocados pelo meu avô, para o lugar da ribeira que tinham escolhido.

Normalmente, escolhiam a parte da ribeira que passava à beira do Pradinho, onde também se ocupavam em fazer a telha na mesma época do ano. Procuravam um lugar daquela ribeira com uma profundidade de cerca de meio metro (mais ou menos à altura dos joelhos), onde a água corresse mais calmamente, chamando-lhe uma “pequena lagoa” ou laga. Por isso se dizia “vamos alagar o linho”. Então, a minha avó, com a saia arregaçada e descalça, ajudada por este seu neto, também com as calças arregaçadas e descalço, deitava o linho no leito desta lagoa, em camadas pouco espessas, horizontais e perpendiculares à corrente da água, para que esta amolecesse a parte mais lenhosa do caule. À medida que ia mergulhando aquelas camadas de linho no leito da ribeira, o seu ajudante ia-lhe pondo pedras em cima, directamente, para melhor as fixar, de forma que a água as não arrastasse, mesmo na sua mansa corrente. Algumas pessoas, com mais possibilidades económicas, seguravam estas fileiras de linho com tábuas e, com uma pedra ou outra em cima delas, conseguiam dar-lhe, talvez, mais firmeza sobre o leito daquela água mansa da pequena lagoa.

Quer de uma forma ou de outra, ali se aguava o linho, isto é, ficava a “curar” cerca de oito a vinte dias. Durante este tempo, o linho era vigiado e revirado a fim de passar ao estado de maceração e facilitar, na fase seguinte, uma melhor separação dos dois principais elementos da sua composição natural.

Depois, era retirado do rio em pequenos molhos. Aquela velhinha atava-os na ponta cimeira com uma ou duas fibras provenientes do próprio molho, feito com o tamanho normal de um manhuço. Depois, abria a parte da raiz e punha-o de pé, de modo que a ele próprio se sustentasse de forma segura na relva do lameiro situado ao

lado da lagoa (permitido pelo proprietário), para que o Sol fizesse bem o trabalho de o secar durante uns dias. Depois, o seu “home” voltava a transportá-lo em pequenos feixes para o anterior espaço de acolhimento. Aqui esperava o momento mais conveniente dentro das outras tarefas da minha avó, para depois ser maçado.

3.3 – A Fase da Moagem

Esta fase era executada por uma ou várias mulheres que a minha avó chamava à “jorna”, por ela já não ter as forças necessárias para maçar o linho, que é a mesma coisa que bater com a maça no manhuço seco, em cima de uma grande laje chamada maçadouro. Este também podia ser constituído por diversas pedras, bem ligadas umas às outras, e firmes em estilo de parede.

Com a maça, normalmente de carvalho, em forma oval ou cilíndrica, com 20cm de comprimento e uns 10cm de manípulo, e com a força dos braços destas mulheres, iam-se partindo as fibras lenhosas ou tomentos (chamados arestas no meio popular), começando a separarem-se das fibras externas e mais resistentes, a fim destas poderem ser preservadas para a criação dos têxteis.

As maçadeiras começavam esta operação pelas raízes já secas e enxutas do manhuço, com a maça na mão direita, e com a mão esquerda iam revirando-o cada vez que executavam um batuque, a fim de evitar o corte das fibras externas; depois voltavam-no no outro sentido, repetindo continuamente aquele batuque da mesma maneira. E para quebrar melhor e sacudir mais facilmente os tomentos, estas mulheres pegavam depois na parte inferior do manhuço com uma mão e, com a outra, seguravam a parte superior e iam-no torcendo sobre a laje, e depois movimentavam-no verticalmente de cima para baixo, sacudindo-o de forma a fazer soltar as arestas mais lenhosas que pudessem sair livremente no fim da maçagem de cada manhuço.

Assim, repetiam estas operações de manhuço em manhuço, até chegarem ao fim do linho da colheita anual, durante um dia, e nos que fossem ainda necessários, devendo ficar pronto para a operação imediata que é a espadelagem.

3.4 – A Operação da Espadelagem

Esta operação do linho, se possível na rua, antes de viram as chuvas do Inverno, era igualmente executada por pequenos grupos de mulheres. Era um acto que a minha avó também já não podia fazer no tempo da minha adolescência.

Cada uma daquelas mulheres usava uma espadela também de madeira, parecendo-se com uma espada curta e larga, e colocava-se ao lado dum cortiço ou espadelouro, com a média de 90cm de altura, especialmente na nossa aldeia, pois havia casos um pouco diferentes noutras povoações; e cada espadeleira segurava uma metade da estriga com a mão esquerda encostada na parte superior do cortiço, mas inclinada para dentro; e a outra metade, deixava-a cair pelo exterior e pegava depois na espadela com a mão direita pela abertura longitudinal que permite segurá-la como se fosse uma espada ou cutelo e batia com ela na estriga, de cima para baixo, ao longo do bordo exterior do espadelouro, para assim libertar melhor as fibras externas do linho dos tomentos que ainda resistiram durante a maçagem. Depois, virava a estriga e repetia a mesma operação, num e no outro sentido, até atingir o melhor objectivo do seu trabalho.

Ao mesmo tempo, esta fase do tratamento do linho, e também um pouco o da anterior, transformavam-se num agradável momento técnico-socio-cultural para aquele grupo de mulheres, tornando-se este momento ainda mais simpático para todas, em proporção ao número de espadeleiras que estivessem a trabalhar.

Assim, enquanto trabalhavam, podiam comunicar-se umas com as outras, espargindo frases humorísticas, anedóticas ou, por vezes, de “raios e coriscos” entremeadas com algumas canções tradicionais e de sentido popular, a fim de neutralizarem algum cansaço físico que a espadelagem lhes provocava; (por vezes, este ambiente de descontração também se praticava no acto da maçagem).

Entretanto, o linho ficava pronto, para a dona de casa, com um estatuto socio-económico semelhante ao da minha avó, poder dar início às técnicas doméstico-individuais que deveriam seguir-se de imediato.

4 – As Técnicas Doméstico-Individuais

Nestas técnicas doméstico-individuais incluirei a asedagem, fiação, ensarilhagem, a barrela e a dobagem, por serem aquelas que a dona de casa já podia executar sozinha, de acordo com o melhor tempo que lhes poderia dispensar, e as que se adaptavam ainda a idades mais avançadas, como era o caso da minha avó, que tenho tomado como exemplo. No período que lhe observei a executar estas tarefas do linho, possuía, aproximadamente, uma idade entre os sessenta e os setenta e cinco anos.

Algumas destas actividades executava-as com a presença de alguns membros familiares, à volta da lareira, durante os serões do Inverno, especialmente quando fiava as estrigas e os manelos da estopa. Foi na execução destas tarefas e durante vários Invernos que me transmitiu a sua enciclopédia oral e tradicional, no tempo da minha infância e ainda na minha adolescência, em volta das brasas da sua lareira.

Acontecia, por vezes, que as tarefas desta série, exceptuando a barrela, aquela avozinha executava-as também numa “abrigada”, em contacto com algumas vizinhas, quando o Sol brilhava nalguns dias de Inverno, no lugar do seu “Canto”, debaixo da varanda da casa. Outras vezes, juntava-se com elas sentadas nas escadas dalguma delas, recebendo todas, também, um bocadinho do calor daquele Sol a espreitar, entre as nuvens, que também lhes dava momentos agradáveis de convivência, mesmo começando pela assedagem.

4.1 – A Assedagem

A assedagem do linho era executada em objectos chamados sedeiros ou rastelos, como se dizia noutras zonas.

A minha avó servia-se de um sedeiro com os dentes pregados, em forma circular e revestidos com uma chapa metálica à sua volta, num terço superior duma prancha de madeira, com cerca de 75 a 80cm de comprimento e 20 a 25cm de largura. Sentada numa trepeça ou num escano, encostava o sedeiro em frente de si com os pregos perto do peito, segurando-o também com um pé metido num buraco com 12cm de largura em forma de quarto crescente, na parte inferior daquela prancha, e com o manhuço vindo da espadelagem, passava e repassava com ele por cima daquele grupo de pregos, puxando-o contra si com a mão direita, e com a mão esquerda carregava sobre ele, na posição inferior dos pregos.

Depois de ter ripado o linho daquela maneira pelo sedeiro, cada manhuço que vinha da espadelagem dividia-se em dois conjuntos, tomando, cada um, um nome diferente. O primeiro conjunto resultava das fibras externas de cada caule do linho, que ficavam mais resistentes, mais longas e mais sedosas e davam-lhes o nome de estriga; o segundo conjunto era composto pelas fibras mais grossas, menos resistentes, e com algumas arestas, tornando-se mais curtas, mais fofas, mas menos sedosas, e caíam do manhuço inicial durante o acto da assedagem, recebendo o nome de estopa, enrolando-o de forma cilíndrica e dando-lhe o nome de manelo. Quanto à estriga, torcia-a ao meio,

enrolava-a também sobre si mesma até às pontas, de forma a ficarem seguras uma na outra.

Depois desta separação do linho naquelas duas partes, guardavam-se os manelos e as estrigas em canastras ou cestos, separados uns dos outros, passando depois cada grupo ao acto da sua fiação.

4.2 – A Fiação



A fiação era a transformação daquelas dois resultados da operação da assedagem em fios diferentes e, cada um por sua vez, através duma roca presa na cinta da saia no corpo duma mulher, e com a manipulação e a habilidade das mãos já muito habituadas a esta tarefa doméstica, dedilhava uma outra peça chamada fuso.

A fiadeira, neste caso a Maria Valente, colocava a estriga na parte superior da roca, chamado bojo ou roquil, formado por 4 ou 6 fugas, tiras ou aduelas todas iguais, provenientes da vara da roca e solidárias com ela, que ficava a uns 15cm abaixo do topo superior, metendo-lhe por cima uma outra peça em forma de funil decapitado feito de papelão ou de cartas de jogar cozidas umas nas outras e davam-lhe o nome de cartolaço, carapuço ou cartapácio. Com esta peça apertava a estriga contra o roquil de forma a que ela ficasse segura e pronta a ser fiada.

Quanto ao manelo da estopa, prendia-o na roca de outra maneira. Colocava-o verticalmente ao lado do bojo e atava-o com um cordel, que já o tinha preso por cima

das aduelas, entrelaçando-o à volta da roca e do manelo. À medida em que o manelo ia diminuindo, aquela fiadeira ia-o ajustando na roca com o aperto do mesmo cordel.

Com a mão direita ia torcendo, em momentos diferentes, as fibras da estriga ou da estopa, por meio de movimentos rotativos que imprimiu no fuso; e com a mão esquerda escarrapiçava e puxava por aquelas fibras vindas da roca e ensalivava algumas indisciplinadas, de vez em quando, com o dedo polegar e o indicador molhados na boca, que por vezes, ao descerem da roca, não desejavam torcer-se no fio que aquela mulher pouco a pouco enrolava no fuso, dando-lhe também uma forma oval que tomava o nome de maçaroca.

Depois das estrigas e das estopas da colheita anual da minha avó terem sido transformadas daquela maneira, em fios e rolados em maçarocas, seguia-se-lhe o acto de outra passagem, para a forma das meadas, através do seu trabalho, em volta duma serrilheira ou sarilho.

4.3 – A Sarilhagem

O sarilho que a minha avó usava era um dos mais simples que se construíram artesanalmente na minha aldeia, todo em madeira. Tinha como base um cepo do elo de uma camba do carro de bois, em forma de meia-lua com 27cm de diâmetro.

No centro, fixava-se uma pequena coluna com cerca de 50cm de altura e com um pequeno eixo encaixado, horizontalmente, na parte superior daquela coluna, a uns 5cm abaixo do topo.

No eixo rolava em sentido vertical, uma espécie de cruz grega feita com duas ripas, medindo cada uma 62cm de comprimento, e que formavam quatro braços a partir do eixo e, na ponta de cada um, fixava-se uma pequena peça com 14cm, em posição transversal. Numa destas peças, aquela avozinha prendia a ponta do fio de linho que saltava, imediatamente, duma maçaroca colocada de novo no fuso com que a enrolava anteriormente. À medida que ia fazendo rodar a cruz do sarilho, em sentido directo, com o toque permanente da mão direita num pequeno manípulo fixado numa das ripas, o fuso girava também, um pouco inclinado do lado esquerdo, segurando-o folgadoamente entre o espaço circular do dedo polegar com o indicador da mão esquerda e, com a base dentro duma pequena tigela assente no chão, ou dentro duma pocinha cavada no cepo, no mesmo lado esquerdo. Assim, a cruz do sarilho rodava, o fuso girava, a maçaroca diminuía, o fio enrolava à volta daquela cruz e a meada crescia.

Finalmente, quando via que a meada já tinha atingido o corpo habitual, ao ter enrolado 10 a 12 maçarocas, ela parava a tarefa, retirava a meada da sarilheira, enrolando a última ponta a um pequeno grupo de fios da meada.

Depois, antes de a tirar do sarilho, ainda atava a meada com outro fio à volta da sua espessura, para que os fios que a constituíam não viessem a emaranhar-se.

Com estas formas da sarilhagem desfazia todas as maçarocas, aumentando o número das meadas e pensando já no momento mais próprio para as poder branquear numa barrela.

4.4 – A Barrela

Chegado o momento que a minha avó determinasse dentro do programa das suas lides caseiras, levava o “cortiço da barrela”, ou barreleiro, para o cimo das escadas da sua habitação. A escada superior era composta por uma grande laje larga e comprida, onde já havia um espaço apropriado, onde colocava o cortiço para fazer as barrelas. Esta pedra tinha as dimensões necessárias para na ponta exterior poder suportar bem um cortiço médio como era o dela, que tinha na altura mais ou menos 82cm; e, na parte superior, uma média de 50cm de diâmetro. No lugar onde assentava o cortiço, havia uma agueirazinha de forma circular cavada na laje, para o escoamento das águas provenientes das barrelas. E, por meio de um pequeno canal com a mesma fundura ligada àquela agueirazinha, a água que saísse do cortiço ia cair directamente no quintal.

Após o cortiço estar colocado no seu lugar, ia cozer as meadas numa caldeira de zinco cheia de água a ferver com o calor do fogo da lareira, e suspensa sobre as chamas do lume pelas cadeias de ferro presas no fumeiro. Depois das meadas cozidas, eram colocadas dentro do cortiço forrado por dentro com um panal de estopa até ao cimo e com as bordas para fora do cortiço. As meadas eram bem acamadas, umas sobre as outras, até quase à altura de dois terços do interior do cortiço. A seguir, cobria-as com um lençol de linho, sobre o qual deitava cinza peneirada da mais clarinha possível (a cinza mais branca recolhi-a da queima das vides quando as possuía, dizendo que deixava as meadas mais branquinhas). Logo que a água estivesse a ferver, pegava na caldeira, despejava-a sobre a cinza e assim as meadas ficavam “encharcadas” com a calda proveniente daquela mistura. Repetia este acto da água até julgar que já tinha o suficiente.

Logo que esta tarefa terminasse, a minha avó abafava o cortiço com mantas ou cobertores velhos, para conservar tanto quanto possível o calor nas meadas. Depois, deixava-as ficar cerca de um dia e uma noite dentro do cortiço. Na manhã seguinte, tirava a cinza e punha as meadas em cestos, indo lavá-las para a mesma ribeira de Salselas que passava no meio da aldeia e sobre os lavadouros as lavava, as esfregava o melhor possível e, de vez em quando, batia com elas na pedra do lavadouro, consoante as suas forças.

Após esta tarefa terminada, estendia as meadas ao Sol, sobre a areia da margem do rio. De vez em quando, virava-as e revirava-as sempre que achasse necessidade, até poderem secar bem. Repetia a estendedura destas meadas mais que um dia, para ficarem bem “acoradas”, como ela dizia.

Quando se desse conta que já estavam bem coradas, metia os braços dentro de cada uma delas e puxava-as em sentido contrário até elas ficarem bem esticadas. De seguida, enrolava-as com as mãos em dois movimentos opostos e passava uma das pontas de cada meada dobrada desta maneira pelo interior da outra ponta também dobrada e assim as guardava, em canastras ou cestos até chegar o tempo disponível para as desenrolar na dobadoira, já branqueadas, e transformá-las desta vez em novelos.

4.5 – A Dobagem

Chegado o momento oportuno, a Maria Valente preparava a dobadoira, que era também das mais simples que havia na aldeia.

Esta dobadoira, toda feita de madeira, assentava também num cepo igual ao do sarilho. Outras tinham uma base em forma de caixa quadrangular e aberta na parte superior, semelhante a uma “quarta” de medir os cereais.

No centro do cepo, era fixada uma coluna redonda em posição vertical, que media cerca de 60cm de altura. Por volta dos 40cm a contar da base, esta coluna passava a ser mais delgada, a fim de nela poderem rolar duas travessas sem caírem, também em forma de cruz grega, e colocadas numa posição horizontal.

Perto da extremidade de cada braço daquela cruz, era fixado um prumo de pau na posição vertical, que media cerca de 25cm de altura e a uma distância igual, a partir do eixo, na ordem dos 29cm.

Depois, desdobrava a meada após o branqueamento, esticando-a, de novo, com toda a energia entre os braços e, de seguida, colocava-a naquele esqueleto quadrangular

da dobadeira, de maneira que pudesse entrar na armação dos prumos, tomando também uma forma quadrangular, em cima das pontas das ripas cruzadas e que ficavam do lado externo de cada prumo. Estas pontas das ripas mediam cerca de 10cm, para nelas se apoiarem as meadas naquela posição horizontal até à sua última espessura.

Procurando a última ponta do fio externo da meada, começava a enrolá-lo em torno de um “bulhácara” já sem a polpa, ficando mais leve, segurando-o com a mão esquerda; e com a mão direita, puxava por aquele fio e assim fazia rodar a dobadeira no sentido dos ponteiros do relógio. A meada ia minguando e o novelo ia crescendo dentro da outra mão meia fechada. Para que o fio não magoasse a mão direita da operadora com pequenos atritos que sempre iam resistindo, quando o desenrolava na dobadeira segurava um bocado de pano entre os dedos, por onde ele deveria escorregar.

Ao mesmo tempo que ia dobando o novelo, ia também conversando com quem estivesse sentado a seu lado, contando contos aos seus netinhos, ou cantando-lhes canções populares, se dobasse as meadas ao calor da lareira nos serões de Inverno.

Assim, com a operação da dobagem, terminava esta série de actividades à volta do linho, que a implicava mais pessoalmente.

Nas duas fases seguintes, como a urdidura e a tecelagem, já tinha que combinar com uma tecedeira o momento mais conveniente e apropriado, pois eram executadas por uma artesã ou artesão profissionalizados.

5 – Tarefas Profissionalizadas

Nestas tarefas do linho, incluímos a urdidura e a tecelagem, orientadas e executadas por pessoas que já recebiam uma cobrança pelo seu trabalho, que lhe era pago com dinheiro ou por troca de outros valores, tratando-se, por esta razão, de artesãos profissionais, embora não vivessem exclusivamente daqueles benefícios. Depois de terem terminado a teia, mediam-na em “varas”, uma antiga medida de comprimento com 11dm aproximadamente, para poderem calcular a importância que mereciam cobrar. Também haviam alguns casos em Salselas em que executavam aquelas tarefas domesticamente ou pela dona de casa, ou por uma filha ainda solteira, somente para necessidades familiares.

Em todo o caso, sublinhamos apenas aquelas de carácter profissional, começando pela urdidura.

5.1 – A Urdidura

Consequentemente, a urdidura era já tarefa duma daquelas tecedeiras profissionais, embora, por vezes, acompanhada pela conterrânea que a escolheu para realizar este novo acto seguinte sobre o seu linho.

A Maria Valente, sempre que desejava que lhe urdissem uma teia a partir dos novelos que transportava à cabeça, dentro de um cesto ou canastra com aquele fim, também dava alguma ajuda, embora simples, mas por vezes necessária, à pessoa que se encarregava de urdir os seus novelos de linho no objecto chamado urdideira que, normalmente, era sua propriedade. A urdideira podia ter forma de tronco quadrangular ou forma de grade rectangular tipo caixilho. A urdideira que conheci em Salselas tinha esta última forma e suponho que tanto se usava para urdir linho, como para urdir a lã. A urdideira de grade rectangular era feita de quatro tábuas de madeira, com cerca de 2m por 1.50m, com pregos ou prumos colocados no bordo das tábuas perpendiculares e pregados a espaços regulares.

Quanto ao acto de urdir, seguimos a descrição que faz FORTUNA³, e que no-las descreve da seguinte maneira. “Os novelos são colocados numa caixa apropriada passando as pontas do fio de cada um, pelos orifícios da espadela perfurada, após o que serão presos com segurança dos pregos dum dos lados da urdideira. Com a mão esquerda amparam-se os fios puxados dos novelos e que são separados e guiados pela espadela são habilmente conduzidos por um movimento de vaivéns aos pregos dum ao outro extremo da tábua de urdir. Este conjunto de fios do linhol, cujo comprimento é programado pelos pregos da urdideira é depois retirado e entrançado, para não emaranhar, procedendo-se à preparação de tantos linhóis quantos os necessários para a teia”.

Assim terminava, aproximadamente, a tarefa da urdideira que a minha avó escolhera, dando uma forma própria aos fios provenientes dos seus novelos e que agora adquiriram o nome de linhol ou portada, para ser colocado no tear e dar-se início à tarefa seguinte, que era a tecelagem.

³ FORTUNA, Elisa, *Práticas Artesanais – A Lã*, pp. 34-35, Mogadouro, 1981

5.2 – A Tecelagem

A tecelagem é uma tarefa que a tecedeira pratica num engenho de madeira chamado tear, com a finalidade de tecer peças de linho ou outras.

Este engenho tem uma base rectangular em forma de mesa, também com 2m de comprimento e 1.50m de largura, e é composto por diversas peças, quase todas de madeira.

Logo que o linhol, acompanhado pelo restilho, chega ao tear pelo porte da tecedeira e uma outra ajudante, juntam-se as pontas distribuindo e acamando bem todos os fios, que são depois presos no órgão anterior, ou “órgão de baixo”, com a ajuda dum movimento rotativo desta peça. Entretanto, vão-se puxando as outras pontas dos fios, fazendo-as passar pelos liços e de imediato pelos dentes do pente até poderem chegar ao órgão posterior, ou “órgão de cima”. Estica-se o linhol até à posição necessária e fixam-se depois os dois órgãos, respectivamente, com uma cigurelha.

Assim, fica este sistema pronto a receber o cruzamento da lançadeira através da “cala” e que suporta dentro de si uma canela, com o fio da estopa enrolado por ser mais grosso do que o da estriga e, desta forma, dá-se início à tramação, cruzando-a com o linhol já esticado pelos dois órgãos, com a habilidade e o saber da tecedeira. Esta, com a força que dispõe nos braços, puxa pelo canal que envolve o pente e com este vai tecendo ou batendo a trama entrelaçada no linhol, em cadência com os pés a calcarem nas permideiras, dando assim origem à teia, ou tecido, que se deseja obter nesta última tarefa do linho.

Finalmente com estas técnicas artesanais, com o fio do linho que vem da estriga formado em linhol e o fio que vem dos manelos da estopa formado em trama, a tecedeira aldeã, escolhida pela minha avó, que tanto podia ser a “tia Virgínia” como a “tia Maria Sapateira”, ambas de Salselas, ou outras, conseguia fabricar os guardanapos, as toalhas, os lençóis e mesmo os sacos, tudo para seu uso doméstico.

Lembramos que todas estas tarefas começavam na sementeira do linho galego ou mourisco, até à tecelagem.

6 – Conclusão

As técnicas que acabamos de descrever da urdideira e da tecelagem eram também comuns à fabricação das “mantas de farrapos” dos cobertores de lã, das colchas e dos lençóis.

Contudo, os teares destinados aos cobertores eram mais largos, para poderem produzir uma peça única. Ao passo que as “mantas de farrapos”, as colchas e os lençóis, eram todos formados por duas peças longitudinais, que as mulheres cosiam depois uma na outra, nas duas margens centrais, tomando, naturalmente, a largura que cada uma deveria possuir.

A Maria Valente sabia fiar também a lã da mesma maneira que fiava a estopa de linho, para depois com as suas próprias mãos, fazer também as meias para ela e os “miototes” para o marido, filhos e netos.

Era uma mulher que sabia dedicar-se a tudo o que dizia respeito a uma boa dona de casa, como a maior parte das suas conterrâneas do mesmo estatuto sócio-económico e com a mesma habilidade e gosto com que executava as tarefas do linho que acabámos de apresentar, a fim de produzir todas aquelas peças que já nomeamos anteriormente, para o uso da sua própria família.

NOTA FINAL

Costuma-se dizer que “cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso”.

Cito este provérbio porque descobri algumas diferenças nos nomes dados a certas operações das tarefas do linho, nas suas transformações e a certos objectos que se utilizavam, em relação com o fio condutor que estabeleci na sua cultura em Salselas, através das acções da minha avó que também foram comuns quase a todas as suas conterrâneas, e que as executavam e as dominavam da maneira como as descrevi.

Aquelas diferenças, encontrei-as no concelho do Mogadouro e em freguesias do distrito de Vila Real, por terras de Santa Maria da Feira, etc. Por exemplo, a trituração do linho em Salselas, era executada por meio duma “maça”, como já informei, e dava-se-lhe o nome de “maçagem”, ou “maçar o linho”; nas terras de Santa Maria da Feira, na metade do século XX, pelo menos a trituração tomava ainda vulgarmente o nome de “moer” o linho e era executada por “engenhos próprios, movidos a água, ou bois, ou vacas”; e estes engenhos tinham o nome de “tafona”.

Um outro dos vários exemplos que descrevi, é o papelão ou as cartas cosidas umas nas outras de forma cónica, que nalguns lugares lhe dão o nome de “cartolaço” e

noutras terras tomavam o nome de “carapuço”; em Vilar do Monte, também lhe davam o nome de “cartapácio”, e é sempre o mesmo objecto que serve para segurar e estriga do linho no bojo da roca e fiar-se por meio do fuso e da acção da mulher.

Apesar destas e doutras diferenças, em diversos pontos do nosso País, o percurso das tarefas do linho e dos objectos com que se executavam, todas acabavam por atingir o mesmo objectivo, que era o uso doméstico e também o religioso. Contudo, nalguns casos, já tomavam um carácter pré-industrial.

Glossário

Aresta – A fibra do linho com restos de casca agarrada depois de ter passado pelo sedeiro, e que ao conjunto de muitas fibras reunidas no chão lhe dão o nome de estopa, que depois passa à fase da fiagem.

Argadilho – É um outro nome dado à dobadoira. Depende do hábito de cada aldeia.

Baganha ou Cápsula – Película que recobre a semente do linho.

Barrela – A palavra barrela vem do espanhol “barrila”, que é o acto de coser e encharcar as meadas com água em cima da cinza, dentro dum cortiço, para poderem ser branqueadas.

Barreleiro – Cortiço onde se faziam as barrelas ou “cortiço da barrela”, com cerca de 82cm de altura e 50cm de diâmetro, nos cortiços médios.

Bojo – Forma oval duma roca, constituído por quatro ou seis tiras, varetas ou aduelas intrínsecas ao pau da roca.

Bugalho ou Bulhácara – Tubérculo de esférica que nasce nas galhas dos carvalhos.

Cala – Espaço horizontal entre os fios do linhol, por onde passa a lançadeira no acto da tramação ou tecelagem.

Canal – Régua da armação que enquadra o pente, a fim de bater com força a trama na teia.

Canela, Vareta ou Bobina – Pequeno canudo ou peça de madeira onde se enrola o fio do linho e se coloca dentro de outra peça chamada lançadeira, para se cruzar a trama no linhol durante a tecelagem.

Carapuço – Cartolaço.

Cartapácio – É o mesmo objecto que tem o nome de cartolaço e carapuço.

Cartolaço – Um cone formado por cartas de jogar, cartões picados, cortados e cosidos entre si, ou simplesmente por uma única folha de papelão, também cosida nos dois extremos.

Casuleiro – Caixa rectangular de madeira com vários compartimentos iguais, onde se colocam os novelos de linho ou de lã para urdir.

Cigurelha ou Chaveta – Travão de madeira para fixar cada órgão do tear, durante a cadência da teia.

Escolhedeira ou Fieira – Instrumento com vários orifícios, por onde passam os fios dos novelos instalados no casueiro para a urdideira. Nalguns lugares chamam-lhe espadela, nome que noutras terras dão ao utensílio com que executam a espadelagem do linho.

Espadela ou Espadana – Objecto de madeira que serve para separar os tomentos das fibras maleáveis do linho.

Estopa – Conjunto de fibras mais curtas e grossas do linho, separadas das fibras mais compridas (as estrigas) através do sedeiro.

Estopinha – Conjunto de fibras de mediana grossura, já sem arestas, penteada em sedeiros de dentes finos e redondos.

Estriga – Conjunto de fibras longas e resistentes, resultantes da porção de um manhuço de linho depois de ter passado no sedeiro.

Fugas – Varetas, aduelas ou tiras iguais que formam o bojo ou roquil duma roca.

Fuso – Instrumento roliço de madeira de aparência cónica, com o bojo na parte interior para facilitar o movimento cíclico e acima do qual se forma a maçaroca no acto de fiar.

Gaiola Oval – Bojo ou roquil duma roca.

Jorna – “À jeira”; por salário diário.

Lançadeira ou Barquinho – Utensílio de tecelagem, onde de encaixa a canela com o fio da trama, passando depois por uma ranhura ou cala.

Liçarol – O par de travessas onde se fixam os liços dum tear.

Liços – Os fios que compõem o liçarol, distanciados uns dos outros por pequenos intervalos ou “casas”, através dos quais se cruzam os fios do linho.

Linhaça – É a semente do linho no seu conjunto para se reproduzir; e ainda para as curandeira da aldeia fazerem com esta semente uma massa medicamentosa, a que chamavam “papas de linhaça”, e aplicar em certos males que apareciam na pele.

Linhãl – Terreno semeado de linho.

Linhol ou Portada – Conjunto de fios de linho ou de lã, resultante da operação da urdidura.

Lóculo – É a cápsula do linho que envolve a linhaça enquanto esta amadurece. A este conjunto chamar-lhe-ei o fruto do linho.

Maça – Utensílio oval, que mede cerca de 20cm, feito de madeira, com um cabo intrínseco de 10 a 15cm de comprimento, que serve para maçar o linho em cima numa laje.

Maçaroca – Fio de linho ou de lã enrolado no fuso, em torno de si mesmo, pela acção dos dedos da mão direita da mulher, provindo dum manelo ou numa estriga, presos respectivamente na roca que ela segura na cinta da saia, do lado esquerdo.

Mainça – Remate do fuso; ou rosca de metal que alguns fusos tinham na parte superior.

Manelo – Pequena porção de coisas que se podem abarcar com a mão, como o manelo de estopa.

Manhuço – Conjunto de caules de trigo, centeio, linho, etc., apertados com a mão.

Meada – Conjunto de fios das maçarocas de linho ou de lã, desenrolados e atados uns aos outros, formando um arco por intermédio do sarilho.

Miote – Meia com a perna curta, destinada ao ser masculino.

Moreia – Um monte cónico de manhuços, gabelas, ou molhos de cereais ou de linho.

Novelo – Bola feita por um fio de linho ou de lã enrolado, enquanto se pode abarcar pela mão: resultado da acção da mulher na dobadoira.

Órgão – Um dos eixos de madeira com o comprimento igual à largura do tear, que serve para enrolar a teia na parte anterior, em conjugação com outro objecto igual e com a mesma designação, posto na parte posterior onde se desenrola o linhol. À medida que se vai enrolando a teia no primeiro órgão, vai-se desenrolando o linhol no segundo órgão, e assim sucessivamente até acabar a tecelagem do linhol.

Panal – Pano grande, onde se sacodem os manhuços do linho, ou conjunto de peneiras para se recolher a linhaça que salta das cápsulas secas.

Parábola – Dobadoira ou dobadoira.

Permideira – Espécie de um pedal da parte inferior do tear, ligado por um fio rijo ao liçarol e destinado a permitir o cruzamento da trama com o linhol, alternando o seu movimento com outra permideira ao lado.

Perneira – O pé do linho, ou caule.

Restilho ou Restrelo – Instrumento de madeira formado por duas réguas paralelas, ligadas entre si por pequenos eixos ou dentes, para ajudar a colocar a urdidura no tear (a esta acção chama-se restilhar).

Roca – Utensílio de madeira, formado por uma vara livre e longa, com uma média de 85cm de comprimento, e que termina por uma gaiola oval, bojo ou roquil, constituída por um gradeamento de varetas ou aduelas convergentes nos dois pólos e alargadas e separadas no meio interior por uma roda de madeira ou cortiça.

Rodeleiro ou Caneleiro – Máquina ou engenho doméstico de fiar, no qual se prende a canela por onde se enrola o fio do linho, até fazer a maçaroca. Nalguns lugares chamam-lhe “rodas de fiar”.

Sedeiro ou Rastelo – Tábua de madeira ou prancha com um conjunto de dentes de ferro circulares ou rectangulares, semelhantes aos pregos grandes, pregados verticalmente num terço daquela tábua, em forma circular ou rectangular e cercados por

um elo de chapa para, sobre eles, separarem a estopa da estriga de cada manhuço de linho, quando de ter sido maçado.

Tear – Engenho de madeira com a finalidade de tecer peças de linho, de lã e de “farrapos”, onde horizontalmente se estica o linhol por meio do órgão anterior e posterior, em sentido rotativo, travados com as respectivas cigurelhas, nos momentos necessários, e que sustenta ainda outra armação paralela e superior, onde são suspensos verticalmente em duas réguas atravessadas, os liços e os canais que enquadram o pente. Na parte inferior, encontram-se ainda as permideiras com as pontas posteriores suspensas respectivamente em cada liço, por meio de fios inferiores, formando uma cadência alternada num movimento feito pela força dos pés da tecedeira, à medida que vai enfiando a trama no linhol e apertando-a na teia, num crescimento contínuo, com o bater ritmado do pente, por meio da força das suas mãos.

Teia – Produto do entrelaçamento da trama com o linhol já fixado no tear, por meio do mecanismo dos órgãos rotativos e, de vez em quando, travados pelas cigurelhas e em combinação com os movimentos dos liços das permideiras e do pente, formando-se assim o tecido de linho, lã, ou de “farrapos”.

Tomento ou Tasco – Fibra grosseira do linho, resultante da operação “espadelar o linho” em cima dum cortiço em posição vertical, aproveitando-se estes resíduos dos manhuços espadados para se fazerem, especialmente, enxergas e sacos.

Trama – Conjunto dos fios de linho ou de lã passados no sentido transversal do tear, entre os fios do linhol, no espaço chamado “cala”, por meio da lançadeira.

Tramar – Tecer ou passar a trama por entre os fios da urdidura, agora chamada linhol por se encontrar no tear, e esticado horizontalmente entre os dois órgãos.

Urdideira – Peça de madeira artesanal, troncal ou rectangular, e neste caso com cerca de 2x1.50m, sendo as duas tábuas verticais e paralelas no bordo dos dois extremos guarnecidas de pregos ou prumos de madeira, implantados a espaços regulares e destinados a prender os fios da urdidura.

Urdidura – Acto ou efeito de urdir.

Urdir – Obter na urdideira o comprimento e o número de fios necessários para colocar no tear e dar origem à teia que se deseja.

Bibliografia

CRAVO, António, *Museu Rural de Salselas*, Edição da associação Os Amigos do Museu Rural de Salselas, 2005

Dicionário Novo Aurélio Século XXI

FIGEUIREDO, Cón. António, *Ambiência do Ano*, Macedo de Cavaleiros, 1993

FORTUNA, Elisa, *Práticas Artesanais – A LÃ*; Projecto Integrado de Desenvolvimento Cultural e Educação Permanente no Concelho de Mogadouro, 1981

Grupo de Danças e Cantares Regionais do Orfeão da Feira, *O Linho*, Centro de Cultura e Recreio do Orfeão da Feira, Santa Maria da Feira, 1986

VALENTE, Norberto Tomé, “Cultura do Linho em Carção, na década de 50”, Revista *ALMOCREVE* da Associação Cultural dos Almocreves de Carção, 3ª edição

Artes e Tradições de Bragança, Col. Arte e Artistas, Direcção Geral da Divulgação, Edição Terra Livre, Lisboa, 1984